

Texto extraído do Livro “O Que Podemos Vir a Ser” de Piero Ferrucci, capítulo 17, pp. 224-238.

FERRUCCI, Piero. *O que podemos vir a ser*. São Paulo: Totalidade Editora, 2007.

A Beleza

A profunda influência da dimensão estética

Nenhum tema é tão relevante em nossa vida interior e, ao mesmo tempo, tão impalpável quanto a beleza. Em primeiro lugar, a experiência estética é espontânea, e nenhum esforço jamais conseguirá acioná-la, se não for o momento de acontecer. Além disto, mesmo nas pessoas sensíveis a beleza num grau considerável, seu impacto é imprevisível; uma extrema variedade de gostos e apreciações nos impede de encontrar um critério geral que nos oriente neste campo. Quando a experiência estética de fato ocorre, ninguém sabe exatamente o que aconteceu e poucos conseguem colocá-la em palavras. E mais, tentar descobrir de que maneira a beleza afeta nossa personalidade pode muito bem alimentar uma atitude utilitária que inevitavelmente dispersa a mais intangível de todas as vivências.

A despeito de tais dificuldades, a tarefa de explorar a beleza e sua influência sobre nós é essencial, pois os perigos de cegueira face à beleza são grandes: a degradação da paisagem urbana, a destruição implacável da natureza, a disseminação da vulgaridade, o eclipse do sentimento de admiração, o triunfo da falta de tato, a inflação do tédio, a indústria do mau gosto, a apoteose do ruidoso e superficial. Estas são apenas as mais óbvias manifestações da falta de sensibilidade estética. A consequência mais profunda é ainda mais difícil de apreender. Pode talvez ser descrita como um estado mortalmente opaco, que afeta a personalidade inteira como uma sinistra enfermidade.

Deste modo, falar sobre a beleza, como faremos aqui, não é um mero exercício de estética ou conversa à toa sobre o inefável. É uma tarefa vitalmente propulsora, diretamente relevante para as nossas possibilidades de sobrevivência — ou ao menos de sobrevivência humana e decente. Por esta razão, podemos concordar com Platão, que diz na *República* que “a meta de toda educação é nos ensinar a amar a beleza”.

O primeiro efeito que gostaria de considerar é a influência *regeneradora e curativa da beleza*. Que uma paisagem natural é suavizadora para o olhar, que certa música enleva, que uma peca, poema ou pintura tem um efeito animador sobre nós, todos sabemos por experiência, apesar de podermos esquecer facilmente demais este fato. Algumas vezes, no entanto, a influência curativa da beleza tem sido usada de modo consciente e direto. Um exemplo, segundo Jâmblico, foi o uso que Pitágoras fez da música:

Ha certas melodias concebidas como remédios para as paixões da alma e também para o desânimo e as lamentações, que Pitágoras introduziu como modo de proporcionar uma assistência mais eficaz nestas moléstias. E, depois, ele empregou outras melodias para a ira e raiva e para medicar cada aberração da alma.¹

As pesquisas confirmaram recentemente que Pitágoras estava certo. A música tem um efeito poderoso sobre diversos ritmos e funções corporais e sobre os estados psicológicos. Além disto, como Anthony Trowbridge, da África do Sul, sugere, as redes neurais do cérebro podem ser susceptíveis aos princípios harmônicos em geral. E tal fator existe em nós como “um impulso construído internamente para manter um estado de ordem e equilíbrio harmônico intelectual e estético, essencial para a saúde mental.”²

¹ Iamblicus, *The Life of Pythagoras*.

² Antony V. Trowbridge, “A Psychological Basis for Aesthetic Perception”. *Man-Environment Systems* 7, 1977, pp. 85-94.

Mas não precisamos pesquisar para saber que a magnificência de uma rosácea de catedral, o traçado de manuscritos celtas, uma flor plenamente desabrochada, ou a geometria perfeita de um templo grego não nos deixa impassíveis. No momento em que nos deixamos tocar pela beleza, aquela parte em nos que está seriamente machucada ou mesmo despedaçada pelos eventos da vida pode começar a se revitalizar. Naquele momento, um Vitória real ocorre — uma Vitória sobre o desencorajamento, uma afirmação positiva contra nossa resignação face ao processo de cristalização e morte. Essa Vitória é também um passo adiante em nosso crescimento num sentido muito preciso e literal, pois no momento em que apreciamos plenamente a beleza, nós nos tornamos mais do que somos. *Vivemos um momento de pura saúde psicológica*. Sem esforço, construímos um baluarte contra as pressões negativas que a vida inevitavelmente traz.

Isto, porém, não é tudo, pois todos os estímulos — belos ou feios mergulham no inconsciente, onde sua influência torna-se menos imediata, no entanto mais poderosa e penetrante. Parte de nosso inconsciente já está impressionada como uma chapa fotográfica, pelos inúmeros estímulos que nos bombardeiam através dos anos, mas uma outra parte está virgem e disponível para impressões e, assim que ela é atingida por um estímulo, leva-o mais a sério que nossa distraída mente superficial geralmente o faz. Ela o elabora e o combina com outros estímulos pie existentes. E assimila o universo psicológico que o estímulo contém, adotando implicitamente todas as suas limitações e distorções.

Tome, por exemplo, uma figura. Uma figura de qualquer tipo — seja uma propaganda ou uma foto pornográfica, uma pintura de Monet ou o flagrante jornalístico de um tumulto — expressa um estado de consequência, uma maneira de ver a vida, um padrão estético e uma atitude geral face ao universo.

Quando os estímulos de um mesmo tipo são repetidos por um grande número de vezes — como no caso dos 15.000 assassinatos que um adolescente americano assiste na TV — seus efeitos multiplicam e geram um clima psicológico real no mundo interior do indivíduo. Felizmente, contudo, é especialmente verdadeiro que estímulos com um valor estético elevado têm uma poderosa e penetrante influência, cuja força curativa afeta as verdadeiras profundezas de nosso ser.

Temos, então, uma escolha. Buscar a beleza torna-se, em grande parte, nossa responsabilidade. Podemos ficar expostos ao que Assagioli chamou “*poluição psíquica*” — a massa de venenos psicológicos colocadas em circulação pela mídia — ou, em vez disto, nos voltarmos para a influência curativa de belos sons e paisagens.

Temos uma influência regenerativa similar com o *efeito autotranscendente* da beleza. Um exercício que uso em meus grupos tem particularmente confirmado este fato para mim. Em sua primeira fase, coloco diversas reproduções de obras de arte sobre o chão e peço aos participantes que olhem para elas e peguem uma pela qual se sintam atraídos. Eu os observo enquanto fazem isto e sempre me surpreendo com a sede que revelam quando se atiram em direção as reproduções. De fato, geralmente ficam tão absortos que se tornam surdos as minhas instruções subsequentes. Naquele breve momento, colocam suas dores e problemas entre parênteses, como se diz, e assim conseguem esquecer de si mesmos.

Creio que deveríamos prestar mais atenção a esta sede. É uma sede por algo indefinível, alguma promessa de preenchimento futuro, total, ou talvez uma lembrança de uma bênção perdida. A beleza parece conter esta promessa — ou despertar esta lembrança — e mesmo sabendo que nenhum objeto pode trazer gratificação permanente, a beleza freqüentemente tem o poder de nos instigar a sair do asfixiante mundo das preocupações ordinárias, em direção a uma esfera maior de vitalidade e harmonia.

O maior favor que podemos fazer, talvez, seja ajudar as pessoas a esquecerem de si próprias — não, é claro, de seu verdadeiro Self, mas da mente diária com a qual se identificam, as mentes agitadas por todos os tipos de preocupações, resmungos insignificantes, fúteis fantasias, e assim por diante. Os problemas, costumava dizer Assagioli, geralmente não são resolvidos; são esquecidos. E são esquecidos porque algum outro assunto, com uma amplitude e importância vital muito maiores, toma seu lugar.

A beleza tem precisamente a mesma capacidade de retirar uma pessoa de sua própria esfera individual, facilitando o contato com algo universal que a interessa e toca. Sem esta função autotranscendente — comum a outras atitudes e atividades tais como o amor, a reflexão, os jogos, pau nomear apenas algumas — poderíamos ser sufocados pela opressiva atmosfera de uma vida restrita. Nosso mundo pessoal tem de ser nutrido fora de seus limites pois, se isolado, não consegue encontrar em si mesmo o recurso para sobreviver, as ferramentas para resolver suas dificuldades. Hieronymus Bosch, lembremos, retrata a danação do Inferno como estar envolvido por uma bola cristal opaco, que impede toda comunicação com o mundo exterior.

O efeito transcendente da beleza está intimamente ligado ao seu *poder revelador*. A beleza revela mundos desconhecidos, possibilidade sem nome que poderiam escapar a uma inteligência puramente racional e concreta. O fato de a beleza ter o impacto liberador e vivificante da verdade tem sido observado por muitas pessoas em diferentes caminhos. Por um lado, temos artistas como Beethoven, que disse que “a música é uma revelação mais elevada do que toda sabedoria e filosofia”³ e que “música é a entrada imaterial para o mundo superior do conhecimento”.⁴ Ou como Suger, abade superior do mosteiro de Saint Dennis e um dos pais da arte do vitral, na França do século vinte, que afirmou que tão maravilhosos arranjos de luz e cor, que ele conseguia produzir com o uso de esmaltes, joias, ouro e vidro colorido, poderiam “iluminar a mente das pessoas”⁵, provocar a ressurreição de seus espíritos submersos e dar-lhes o dom do conhecimento superior. Temos ainda Keats, que escreveu que “nunca poderia ter certeza de qualquer verdade exceto por uma clara percepção de sua beleza”.⁶

Por outro lado, ha dentistas que, tendo estudado a essência da realidade física, notam que a qualidade estética de seu modelo é em si mesma um critério de sua validade. Numa carta para Einstein, Heisenberg escreve:

Você pode objetar que falando de simplicidade e beleza eu estou introduzindo um critério estético da verdade erroneamente admito que estou fortemente atraído pela simplicidade e beleza dos esquemas matemáticos que a natureza nos apresenta. Você deve ter sentido isto também.-a quase assustadora simplicidade e integridade do relacionamento que a natureza subitamente desenvolve diante de nos...⁷

Similarmente, o matemático francês Poincaré atribuiu uma grande importância à “beleza matemática”, à “harmonia dos números e formas”, e à “elegância geométrica”. Ele escreveu: “Essa harmonia é a um tempo uma satisfação de nossas necessidades estéticas e um auxílio para a mente, sustentando-a e guiando-a.”

De acordo com Poincaré, a “mente subliminar” do matemático forma cegamente uma enorme quantidade de combinações, a maior parte delas falsas e inúteis. As únicas combinações que emergem à consciência são as singularizadas pelo “delicado crivo” da sensibilidade estética e que, segundo ele, “são ao mesmo tempo úteis e belas”.⁸

Ligado ao poder revelador da beleza está sua *capacidade de desorganizar* e até mesmo de subverter as categorias pelas quais habitualmente damos sentido ao universo. Conta-se que, em certa ocasião, os discípulos de Buda estavam perguntando a ele todo tipo de complexas questões metafísicas. Ele então pegou uma flor e, sem palavras, colocou-a à frente deles. Somente um dos discípulos, Ananda, compreendeu a muda verdade contida na mensagem — e sorriu. Como aconteceu com Ananda, a beleza nos revela o que está além do pensamento. Algumas vezes, pode até imprimir em nos o quão ineficaz nosso equipamento conceitual pode ser, quão limitada é nossa compreensão. Conheço pessoas cuja estrutura mental estreita, ordinária, foi completamente abalada pela visão das estrelas numa noite límpida. Em outros casos, foi uma partitura musical ou a simples

³ De uma carta de Bettina von Arnim para Goethe, descrevendo uma conversa com Beethoven, em Marion M. Scott, Beethoven. Londres, Dent & Filhos, 1974, p. 125.

⁴ *Ibid.*

⁵ Citado em George Duby, *The Europe of the Cathedrals*. Genebra, Skira, 1966, p. 17.

⁶ John Keats, carta para George e Georgiana Keats, 16.dez.1818.

⁷ Citado em: Judith Wechsler (ed.), *On Aesthetics in Science*. Cambridge, MIT Press, 1978, p. 1.

⁸ Henri Poincaré. *Mathematical Creation*. Reimpresso em PE.Vernon, Creativity. Middle-sex, Penguin Books, 1970, p. 86.

presença de picos de montanhas que expandiram as idéias de uma pessoa ou mesmo forçaram seu abandono como um conjunto de roupas surradas.

Há ainda outro modo, em particular, pelo qual a beleza nos afeta: *ela ilumina nossa cobiça*. Muitas tradições espirituais afirmam que podemos atingir a libertação ou a salvação simplesmente nos livrando da cobiça e dos apegos. Esse ensinamento tem sido freqüentemente mal interpretado como uma injunção para destruir sistemática e forçosamente todo desejo em nos próprios. Se isso pode funcionar para alguns poucos indivíduos com vocação para o ascetismo, é mais frequente gerar resultados exatamente contrários à expectativa. As pessoas tentam reprimir seus desejos, mas só conseguem alimentá-los com a energia de sua própria negação. Após um desejo ser abafado por certo tempo, ele rebate dramaticamente, surge sob um disfarce diferente, ou meramente parece ter sumido, mas na verdade, invisivelmente, controla o indivíduo que tenta eliminá-lo.

Assagioli afirmou que podemos aprender a apreciar a liberdade do desapego de um modo muito menos doloroso e mais prático: através da total apreciação da beleza. Geralmente desejamos o que consideramos belo. Ao contrario de negar esta atração, diz Assagioli, deveríamos deixar nascer outras ao lado dela. Através do aprendizado da expansão de nossas forças de apreciação, atenuamos nossos apegos a ponto de enfraquecê-los e até mesmo desaparecerem.

O engano dos moralistas, de acordo com Assagioli, reside em confundir o prazer (o gozo, o deleite) com apego. O prazer de qualquer tipo é, em si, um evento psicológico profundamente positivo. O que complica a situação é que logo após terminar o deleite — ou até mesmo antes, em alguns casos — queremos reproduzira mesma gratificação e, assim, nasce o apego. Mas o apego é um fenômeno inteiramente diferente do prazer e mesmo que o siga de perto ou se misture a ele, deveríamos prestar atenção e distingui-los. O prazer é gratuito e puro. O apego é ávido e cheio de expectativa. O prazer vive o agora. O apego vive no passado ou projeta-se no futuro O prazer está aberto à experiência. O apego quer programá-la.

Além do mais, nossos apegos são inversamente proporcionais à nossa capacidade de desfrutar. Como Assagioli certa vez me disse:

A proposta radical é desfrutar mais. Se você saboreia uma fruta, saboreará todos os tipos de fruta. Se você se deleita com tudo, não fica apegado a coisa alguma, pois você passa de um prazer a outro. Você passa do prazer de uma fruta ao de um livro, ao do céu estrelado... Se você apreciar tudo, permanecerá livre. E se sentir desejo por algo que não é oportuno, por alguma razão ou porque não é possível consegui-lo, poderá se comprazer com outras coisas. Ha sempre alguma outra coisa que você pode apreciar.⁹

O oposto também é verdadeiro. Se apenas conseguimos ver a beleza numa pessoa ou objeto, com a exclusão de tudo o mais, ficamos enfeitiçados por ele e nossa visão se calcifica. Caímos na crença implícita e ilusória de que agarrando e possuindo aquele ser ou objeto conseguiremos possuir a própria beleza.

É paradoxal mas verdadeiro que a beleza pode ocultar um lado sinistro. Isso é ilustrado na história de Spinello, um pintor renascentista apreciado e famoso em seu tempo. Naquele período era costume representar o demônio como um ser desprezível, subumano, e Spinello estava trabalhando numa pintura na qual assim retratava o demônio. Nesse meio tempo, quando ele ficou seriamente doente e febril, o demônio apareceu para ele, mas não como a criatura desprezível que Spinello tinha pintado. Ele era, ao contrario, um homem incrivelmente belo, vestido de negro, que olhou para ele e disse: “Spinello, Spinello, quão pequena é a fé que você tem em seu Deus, se você acredita que Ele teria como seu maior inimigo uma criatura tão baixa e tão pouco inteligente como a que você retratou. Saiba que eu sou tão belo que rivalizo com Ele em esplendor.”

O prazer tem sido freqüentemente associado ao sentido do gosto, como as expressões “bom gosto”, “mau gosto”, e “saborear” demonstram. Inversamente, a supressão do prazer também pode ser compreendida em termos do comer: com freqüência engolimos o que comemos, talvez lendo ou assistindo televisão, sem dedicar um tempo para saborear o alimento. Um dom nos é oferecido e nos o negligenciamos engolindo apressada-mente, sem atenção. Do mesmo modo, as vezes, nos relacionamos com o mundo externo em geral: rapidamente nos apropriamos dele, por assim dizer,

⁹ Roberto Assagioli, comunicação pessoal, gravada em Florença, 1970.

mas não nos dedicamos o suficiente para apreciá-lo plenamente e, portanto, assimilá-lo. Raras pessoas sabem como saborear uma partitura musical, um poema, um bom livro ou uma paisagem e, depois, se deixarem impregnar por ela, desfrutando todas as nuances e sutilezas que uma atenção apressada e impaciente inevitavelmente deixa escapar.

As dificuldades para apreciar a beleza, no entanto, não são devidas apenas à impaciência e à incapacidade de assimilar. Em algumas pessoas elas são causadas pelo medo que sentem da beleza. Por se sentirem feias por dentro, temem experimentar a dolorosa discrepância entre elas próprias e a beleza. Outras podem ser capazes de apreciar a beleza com alguém que amam, mas contactá-la quando estão a sós evoca um pungente sentimento de solidão. Tenho visto, assim, muitas pessoas fecharem-se à beleza em vez de apreciá-la sozinhas. No fundo de tais atitudes geralmente encontramos um sentimento de inferioridade, uma crença implícita de que não se é merecedor de qualquer coisa que valha a pena, a menos que a presença e a aprovação de outra pessoa ajam como intermediárias.

Outras pessoas, ainda, sentem a dimensão estética como ameaçadoramente estranha, perturbadora da ordem natural das coisas. Elas implicitamente delegam a apreciação da beleza aos outros, como se fosse o monopólio de apenas uma categoria de pessoas. Mas, qualquer pessoa que pertença a tal categoria é frequentemente percebida como esquisita e ineficaz. “Ei, você, artista”, chamava um sargento que conheci no exército, quando queria interpelar um soldado que ele percebia como sonhador demais ou estranho — ou perigosamente aberto para alguma outra coisa que não a organizada rotina.

Todos nós, contudo, temos alguma vivência do belo e podemos desenvolver nossa habilidade de entrar em contato com a dimensão estética. Alcançaremos, assim, dois resultados: primeiro, iremos assentar sólidas fundações de autoapreciação; e nenhuma personalidade está verdadeiramente bem integrada a menos que se erga sobre tal fundamento de profunda, sincera, quase inocente autoapreciação — uma atitude bem diferente, quase oposta ao narcisismo ou complexo de superioridade; segundo, esta habilidade de perceber nossa própria beleza interior abre quase automaticamente as portas da apreciação da beleza externa. Como diz Plotino,

¹⁰aquele que contempla deve ter afinidade com aquilo que contempla e deve, antes de chegar a tal visão, ser transformado à sua semelhança. Jamais poderio ter o olho olhado para o sol se não tivesse se tornado como o sol, e jamais poderá a alma ver a Beleza a menos que ela se tenha tornado bela.

E nossa verdadeira “alma”, pode-se dizer, *já é* bela. Nós só precisamos tomar consciência deste fato fundamental. O exercício seguinte pode auxiliar nesta tarefa:

Beleza Interior

1. Pense num traço, numa capacidade ou numa atitude em você mesmo que considere bela. Não precisa estar plenamente manifesto ou ativo. Pode ser um elemento ainda parcialmente oculto, algo talvez que só você conheça. Pode até mesmo ser a semente de uma atitude — uma pura possibilidade.

2. Fique algum tempo reconhecendo e apreciando esse elemento. Depois, deixe uma imagem se apresentar para seu olhar interior, que simbolize o que você escolheu — um objeto de arte, uma paisagem, um animal, qualquer coisa.

3. Contemple essa imagem; deixe que ela revele para você sua própria beleza e talvez até transmita uma mensagem, que pode ser verbal ou sutilmente não verbal. Qualquer imagem, na verdade, pode falar se você deixar que ela o faça. Dê um tempo para assimilar completamente a qualidade desta imagem.

4. Tome um outro traço, qualidade, capacidade ou aspecto de si mesmo, que você aprecie, e repita os passos 2 e 3. Depois, faça o mesmo com outras partes de si próprio, das quais você gosta. Repita este mesmo exercício em outras ocasiões até atingir um bom número de elementos que você

¹⁰ Plotino. *Enneadas*, 1,6.

aprecia. Você ficará surpreso de quantos encontrará — especialmente se olhar fundo o suficiente e se ignorar as vozes interiores de desencorajamento, inferioridade ou ceticismo.

Como podemos ampliar nossa aptidão na arte da apreciação da beleza? A resposta é sempre a mesma: aprendendo a estar disponível para ela. Com uma atitude aberta, calmamente dedicamos um tempo para desfrutá-la; damos-nos permissão para absorvê-la, afastando qualquer atitude utilitária ou de impaciência. Também podemos assumir uma posição mais ativa e intencionalmente, quase sistematicamente, procurar a beleza, procurá-la em toda parte — num rosto, numa partitura musical ou numa árvore. Stanislavski, o grande professor russo de técnicas teatrais, pediu a seus alunos que procurassem pela beleza com “penetração”. “Tais hábitos”, disse ele, “elevam suas mentes (dos alunos) e despertam sentimentos que deixarão traços profundos em suas lembranças emocionais”.¹¹ Ele também lembrou seus alunos, igualmente, de buscar beleza em coisas aparentemente feias, distorcidas ou desfiguradas, pois qualquer sentido de beleza que não leve em consideração a feiúra arrisca a se tornar sentimental. Podemos mencionar aqui o exemplo da pintura de Rembrandt transfigurando um espetáculo tão impróprio quanto a carne de vaca, pendurada no açougue, num estupendo jogo de luz e cor. Ou, em tempos mais recentes temos o exemplo de René Clair dizendo que podia ver um castelo encantado numa estação do metro de Paris. De igual modo, Leonardo da Vinci deu aos pintores aspirantes o seguinte conselho:

Vocês devem olhar as paredes manchadas pela umidade ou as pedras de cor desigual. Se tiverem de inventar algum cenário, serão capazes de ver nelas a semelhança com paisagens divinas adornadas com montanhas, ruínas, rochas, florestas, grandes planícies, colinas e vales, em grande variedade; e então novamente vocês la poderão ver batalhas e estranhas figuras e ação violenta, expressões faciais, vestimentas e uma infinidade de coisas que serão capazes de reproduzir em formas completas e adequadas.¹²

Logo você verá que a beleza não deve ser descoberta somente no mundo físico, como uma forma, mas também no subjetivo: podemos apreciar belas atitudes nas pessoas, a pureza de seus motivos, o refinamento de seu ser e assim por diante. Podemos também apreciar a harmonia e o significado dos relacionamentos. E, muito importante, podemos entrar, subitamente, em contato com a beleza interior da essência de uma pessoa. O sânscrito usa a palavra *Namaskara* para significar “Eu saúdo o divino em você”. É um reconhecimento ritualístico da essência divina de cada pessoa que se encontra. *Namaskara* também poderia ser traduzido como “Eu saúdo a beleza interior em você” ou, em alguns casos — numa versão mais longa e livre, que irreverentemente eu gostaria de propor — como “Independentemente do fato de você me irritar, de eu não suportar sua presença, de me sentir pouco à vontade quando estou com você, de discordar de você, de acreditar que você é irremediavelmente estúpido, e assim por diante, eu saúdo a beleza interior em você — uma beleza que posso ter percebido há algum tempo ou, se nunca a percebi, deliberadamente assumo que está aí — misteriosa, imemorial, além do jogo de nossa interação neste momento, infinita.”

Este sentimento de beleza interior num ser humano não é meramente uma questão individual; quando a contactamos numa pessoa, ela bem pode estender-se espontaneamente a toda a humanidade e podemos nos encontrar experimentando o que Kant chamou “O sentimento da beleza e da dignidade da natureza humana”.¹³

Ha, também, a beleza de nossa própria psicossíntese. Harmonia e ritmo na vida, comando sobre o organismo psicológico (comparável à mestria, ao domínio, de um pianista ou bailarino), o extraordinário impulso de evolução pessoal para o desconhecido, a transformação e síntese dos elementos de nossa personalidade, o aprendizado da arte de viver, as deslumbrantes manifestações do Self — todas estas atitudes e eventos podem conter elementos de grande e comovente beleza, quer as percebamos em nos mesmos ou nos outros.

¹¹ Konstantin Stanislavski, *An Actor Prepares*. Nova York, Theatre Art Books, 1977, p. 87.

¹² Leonardo da Vinci, *Trattato della Pittura*, p. II, 63.

¹³ Immanuel Kant, *On the Sentiment of the Beautiful and of the Sublime*.

De qualquer modo que possa vir, contudo, grande parte da experiência da beleza é freqüentemente desperdiçada. A nutrição doada a nos pelo deleite é logo submersa pela avalanche das preocupações diárias ou dissipada pelo advento de inúmeras distrações. Raramente é assimilada — como já vimos — e, acima de tudo, estimada, como um ponto de referência em nossa vida, algo do passado que ainda tem a capacidade de silenciosamente nos regenerar, um evento que nos levou adiante em nosso crescimento, que abriu e estimulou nossa capacidade de apreciação.

Estimar os encantos passados é um fator vital para a nossa capacidade de apreciar a futura beleza. O próximo exercício tem por objetivo evocar a experiência passada com o belo, os tesouros com os quais, certa vez, fomos abençoados. Começa lembrando a feiúra, pois o contraste da feiúra — não apenas feiúra física, mas também a feiúra da desintegração, conflito, estupidez, falta de amor — ajuda-nos a compreender a natureza da beleza e algumas vezes intensifica dramaticamente nossa busca por ela.

Este exercício só terá algum efeito se você reviver nitidamente os acontecimentos que forem recordados e se você o fizer com todos os seus sentidos, como se o estivesse verdadeiramente experimentando; simplesmente pensar não é o suficiente.

Assimilação da Beleza

1. Comece revivendo momentos de feiúra. Sinta em você novamente a ofensiva, desintegradora influência da feiúra em seu organismo psicológico. Lembre-se: pode ser qualquer tipo de feiúra, não só a física.

2. Relembre, agora, diversos momentos de beleza, um por um. Podem incluir beleza da natureza, de um relacionamento, de crescimento, de compreensão, e assim por diante. A escolha é sua. Sinta plenamente seus extraordinários efeitos.

Fique algum tempo apreciando estes momentos; deixe-os mergulhar em você de modo que possa assimilá-los, tome conhecimento e estime seu valor, reafirme sua presença em você.

3. Agora, dedique algum tempo a induzir em si mesmo um sentimento de abertura na totalidade de seu ser, uma tomada de consciência de sua sensibilidade e interesse vital pela extraordinária presença da beleza em todas as dimensões.

Á medida que exploramos a beleza em suas manifestações, podemos ter a excepcional experiência de contatá-la independentemente de qualquer forma. É o que Platão descreve como a beleza que “não cresce nem diminui”; é a “Beleza tão velha e tão nova” de Santo Agostinho; o “Espírito da Beleza” de Shelley. Não se trata apenas de palavras, metáforas poéticas, especulações filosóficas. São experiências psicológicas com profundo impacto naqueles que as apreciam. Certa pessoa descreveu precisamente este tipo de contato:

Eu estava olhando para um pessegueiro em flor quando, subitamente, senti que não são a árvore era bela, mas que uma beleza viva estava vindo através dela, e estava em contato comigo. Foi um contato intensamente pessoal, como se algum ser estivesse se comunicando comigo sem palavras. Foi como encontrar uma pessoa muito, muito especial, que tivesse um extraordinário efeito sobre mim. Esta entidade, senti, buscava expressar-se através da atividade de inúmeras formas de vida — através da natureza, como uma flor ou uma aranha tecendo sua tela, ou através de um ser humano criando uma obra de arte. Senti, naquele instante, que essa mesma vida podia se expressar através de mim. Foi um momento maravilhoso: experimentei uma grande força em meu corpo e fui invadida por uma maravilhosa sensação de harmonia. Subitamente, inúmeros aspectos da beleza, que eu nunca havia percebido antes, me foram revelados.